

## A ORALIDADE COMO FORMA DE EXISTIR A ÁFRICA: um caso de preservar o passado, presente e o futuro das comunidades africanas

Octávio Bengui José Hinda<sup>1</sup>  
Makosa Tomás David<sup>2</sup>

### RESUMO:

O presente artigo aborda a importância da tradição oral na cultura africana, destacando-a como um elemento milenar e fundamental para a preservação dos valores e identidade dos diversos grupos culturais do continente. A oralidade é vista não apenas como um meio de comunicação, mas como uma forma poderosa de transmitir sabedoria ancestral e resistência cultural, especialmente após a era colonial. A partir disso também se procura discutir como a tradição oral foi desvalorizada pelas ideologias coloniais e sublinhada por um olhar eurocêntrico, mas ressaltando a sua continuidade e relevância na atualidade. A tradição oral africana é apresentada como uma ferramenta essencial para a reconstrução da história e cultura pré-colonial, perpetuando conhecimentos, valores e práticas sociais. Além disso, a língua e a oralidade são descritas como elementos cruciais para a preservação cultural, proporcionando um senso de identidade e pertencimento. Conclui-se enfatizando a resistência e empoderamento proporcionados pela oralidade, que continua a ser um método de proteção da identidade africana e uma forma de contrapor os valores da cultura ocidental.

**Palavra-Chave:** Oralidade; Língua; Cultura; África e Tradição

### ABSTRACT:

This article discusses the importance of oral tradition in African culture, highlighting it as an ancient and fundamental element in preserving the values and identity of the continent's diverse cultural groups. Orality is seen not only as a means of communication, but as a powerful way of transmitting ancestral wisdom and cultural resistance, especially after the colonial era. It also seeks to discuss how oral tradition has been devalued by colonial ideologies and underlined by a Eurocentric gaze but emphasizing its continuity and relevance today. African oral tradition is presented as an essential tool for reconstructing pre-colonial history and culture, perpetuating knowledge, values and social practices. In addition, language and orality are described as crucial elements for cultural preservation, providing a sense of identity and belonging. It concludes by emphasizing the resistance and empowerment provided by

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, pelo Programa de Pós-Graduação do Grupo de Cooperação Internacional das Universidades Brasileira - Mobilidade Internacional. E-mail: octaviobengui@gmail.com

<sup>2</sup> Angolano e estudante do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia e bolsista de Iniciação Científica. E-mail: davidmakosa929@gmail.com

orality, which continues to be a method of protecting African identity and a way of countering the values of Western culture.

**Keywords:** Orality; Language; Culture; Africa and Tradition

## INTRODUÇÃO

A princípio, a questão da tradição oral em África remete-nos a ressaltar a sua importância no imaginário da cultura africana enquanto um elemento milenar entranhado nos vários grupos culturais que compõem o continente berço da humanidade (CORREIA, 2022).

Por outro lado, com o término da colonização e com a chegada das independências em África, grosso modo os países africanos decidiram acionar mecanismo que visasse à revitalização das tradições orais para manter intacta os valores milenares referentes aos vários grupos culturais. Assim sendo, redefinir a África no plano histórico a partir de um passado que perspectiva o futuro.

Para Miller (1999), urge a necessidade de se compreender na sua amplitude a cultura africana, desde questões sociológicas, antropológicas, geográficas até os pensadores d'África. Além disso, revelar como as epistemologias foram construídas, fugindo às questões de oralidade como parte interessante do seu todo enquanto saber científico. Enfatiza o pensamento do qual, muitos que se pesquisou e atribuiu o colonialismo como um mal menor, de que os impérios africanos foram ganhando um certo progresso devido à época da implementação da colonização enquanto um sistema de dominação e subjugação dos povos de África (COOPER, 2005; BINJA, 2020).

Um dos efeitos negativos da colonização foi de instituírem na África uma forma homogênea as sociedades africanas, com vista a desenvolver um modelo social único tanto da forma de ser, falar, andar e dançar. Entretanto, anulando todo valor identitário africano em detrimento da política de assimilação em grandes escalas de todos os povos africanos.

Compreende-se o enaltecimento da cultura oral em África como estratégia para sua eternidade enquanto valor identitário pertencente a vários povos que constituem geograficamente o continente africano (BÂ, 2013).

Com base na oralidade, que é na maioria das vezes a característica dos ensinamentos africanos (MUDIMBE, 2013), em alguns momentos é pouco levado em conta no campo epistemológico ou raras são as relevâncias que lhe são atribuídas; muito em parte devido à destrição comparativa entre os saberes/fazeres africanos e europeus.

Procura-se enaltecer a oralidade como fonte de todas as manifestações materiais e espirituais que nutrem o ser africano, derivadas das transmissões culturais, sociais e ancestrais passadas de geração em geração. E, do outro lado, olhar a oralidade não apenas como um meio de comunicação, mas é vista como um ato com poder próprio, através do qual se preserva a sabedoria ancestral. Que

essa cultura da tradição oral em África continua sendo um método de proteção da identidade africana e, concomitantemente, uma forma para contrapor os valores da cultura ocidental incorporada a partir da globalização.

### TRADIÇÕES ORAIS: UM CAMINHO SEMPRE A SEGUIR

“Para entendermos o que é uma cultura oral devemos examinar aquilo que é ouvido, pois, para alguns, as palavras são apenas sons (GONÇALVES, 2012, p. 2)”, porém para outros essas palavras têm uma história e narram essa história (CUCHE, 1999).

Embora os invasores europeus tenham imposto a cultura da escrita em África como uma das maneiras de acesso do colonizado nas atividades sociais do colonizador, como forma de dominar as sociedades africanas cujas dinâmicas políticas e sociais (QUIJILA e JACOBÉ, 2024) fugiam da realidade europeia, a imposição obrigatória da escrita se tornou imperativa e civilizatória para dominação do povo africano (BINJA, 2020, p. 2). E dentro desse processo de imposição tornou-se claro a proibição da tradição oral, que teve um feito contrário.

A tradição oral, dentro da cultura africana, é a fonte de toda manifestação material e espiritual que alimenta o ser africano a partir daquilo que são as transmissões culturais, sociais e ancestrais passados de geração em geração. Na cultura africana a oralidade não é vista como um simples ato de comunicação, pois se acredita que as palavras têm poderes (GONÇALVES, 2012) e através dela preserva-se a sabedoria dos ancestrais.

As sociedades africanas são marcadas como sociedades orais, porque a sua historiografia, literatura e espiritualidade é passada de geração a geração por meio da tradição oral. E por causa disso, com uma perspectiva colonial, muitas sociedades exteriores pautadas pelo eurocentrismo e cultura da escrita, olham as sociedades africanas como sem culturas e sem registros (SILVA, 2021), tudo isso devido a um conjunto de construções ideológicas passados pela influência europeia que pretende colocar, há séculos, o continente africano como um lugar de inferioridade e como uma zona de não-ser (QUIJANO, 2005; FANON, 2008; NASCIMENTO, 2023).

É importante entender que a cultura africana está viva devido à oralidade passadas pelos mais velhos, como forma de preservar o que é africano e manter o que é africano longe de toda manifestação colonial e exterior d’África. Essa oralidade oferece a essas sociedades uma estrutura de resistência cultural e por isso, tantos os mais velhos, sobas, griôs, nganga e os mais novos que aprendem os ensinamentos, são valorizados. Hampaté Bâ (1982) afirma que “na África, quando morre um velho, é toda uma biblioteca que queima”.

Sendo a fala a materialização desses saberes ou a exteriorização de todas as vibrações e forças, numa realidade onde não há a escrita, como Hampaté Bâ (2008) reforça, o homem está associado a palavra que expressa, pois ele é a palavra e o seu pensamento está ligado à comunicação. E a figura do ancestral é essencial como guardião da memória, sendo responsável por reavivar o passado para as novas gerações. Por exemplo, “desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem” (HAMPATÉ BÂ, 2008) para virmos ter também a figura de guardião.

Procurar os mais velhos conhecedores da raiz africana para saber mais sobre o assunto é importante. Então, estar envolvido com os idosos (mwadilimiou kaka) é obedecer ao provérbio, que em Kindumbu é “suku ni hima, ungoloxi ni phombo”, isto é, “passar o dia com as crianças e ao pôr-do-sol com os mais velhos (JOÃO, 2022 apud DAVID, 2023, p. 16).

Este pensamento reflete a tradição cultural africana, onde a transmissão de conhecimento e valores ocorre de forma intergeracional. “Por exemplo, minha avó, minha mãe, meu pai e até mesmo meus irmãos e eu, costumamos estender um/uma lwandu/esteira à noite para que possamos conviver” (DAVID, 2023). Em África, esse conhecimento é passado para gerações e os mais velhos ainda preservam essa tradição oral como forma de manter a cultura como ela é e olhar a sua essência para futuros descendentes.

Essa tradição oral é caracterizada também como uma escola, pois representam à própria vida da cultura africana e daí passa-se a ideia de que observando a natureza, aprende-se; ouvindo e contando histórias, também se aprende. Para além dessa característica, essa tradição utiliza quatro principais meios para transmitir e perpetuar conhecimento para gerações como a música, a história, os contos e os provérbios.

Desde muito tempo, a música é utilizada como um meio de comunicação e mensagem, pois muitos feitos históricos africanos e nomes de antepassados são imortalizados na música até hoje. É bastante comum, em África, encontrar mais velhos, sobas, griôs e nganga com seu instrumento musical, a contarem histórias por meio de canção as suas gerações.

Passar o conhecimento é uma obrigação espiritual africana, saber quem você é e conhecer sua própria identidade, é um elemento muito importante para África. E por meio de histórias, os mais velhos conduzem os mais novos ao seu destino. É importante ressaltar que o termo “história”, dentro dos ensinamentos africanos, foge dos eventos fictícios.

## LÍNGUA E ORALIDADE UM PRESENTE E UM FUTURO SOBRE A PRESERVAÇÃO CULTURAL

A língua é um sistema de construto social dentro do contexto ocidental (DAVID, 2023), mas que é referido ao povo e território, que em outras palavras esse sistema é definido como uma simples língua nacional de um povo específico que fala em seu próprio território. Podemos concordar com Makoni e Pennycook (2007, Apud SANTOS, 2022) que afirmam que as línguas são criações e construções que refletem as relações de poder que atravessam, sendo um mito naturalizada em nosso convívio social, que representam uma realidade material de normas, usos e letramentos. Essas ideias estão relacionadas ao apagamento e erradicação do pensamento do outro.

E longe desse todo conceito, em África a língua representa uma identidade preciosa que preserva as riquezas culturais, espirituais, intelectuais e sociais de um determinado povo (SOGBOSSI, 1998; OBENGA, 1999; PRAH, 2017, ZOSSOU, 2021). Porém ao se falar de língua no território africano é importante que sempre se traga à tona a oralidade como dispositivo de transmissão de conhecimento de geração a geração, assim como aponta Zossou (2021).

Zossou (2021) analisa que muitos autores que abordam sobre África trazem a oralidade como uma simples forma de transmissão de histórias, saberes, valores e conhecimentos. Fazendo com que coloquem a oralidade como um fator de não confiabilidade das práticas africanas e dos conhecimentos derivados delas (AGUESSY, 1977). Isso é uma desvalorização dos elementos de identidade e de herança ancestral construídos pelas ideologias coloniais e nacionalistas ligadas a uma agenda cristã-europeia deixadas em territórios colonizadores.

Essa oralidade, desprezada e proibida a sua utilização durante a invasão colonial, é a essência das línguas africanas. Através dela todas as normas, conhecimentos e valores sociais e religiosos são transmitidos às novas gerações (IROKO, 1991). A oralidade é a base para uma convivência social harmoniosa e assegura o desenvolvimento digno e completo de qualquer pessoa dentro de uma comunidade. É através da fala que a vida social se concretiza e os indivíduos são moldados para a vida.

Ao contrário de outras culturas, como ocidentais, que utilizam leis e códigos escritos para representar os conhecimentos, os povos africanos priorizam o uso da língua como uma fonte segura para preservar os repertórios de conhecimentos de suas comunidades, pois manter o pensamento para o registro escrito com precisão e fidelidade é um desafio, por isso o “Sócrates disse que a escrita trai o pensamento” (ZOSSOU, 2021).

De fato, não seria presunção dizer que é difícil escrever com precisão o que dizemos, pelo simples fato de termos uma multidão de recursos para nos expressarmos verbalmente. No

entanto, para escrever, as regras limitam os recursos, ou seja, existe uma forma de escrever, mas existem milhares formas de falar, de se expressar (verbalmente) (ZOSSOU, 2011).

Escrever é a forma de registrar graficamente os pensamentos, conforme o entendemos atualmente. Para isso, existem diversos alfabetos em diferentes idiomas. Falar, por sua vez, é a maneira de comunicar pensamentos e emoções aos outros. Entre as duas, falar costuma ter maior importância social do que escrever, por várias razões. Portanto, a fala sempre antecede a escrita. Para Diagne (1999), enquanto a língua traz a elucidação da história e entende que essa história pertence a própria língua do grupo, culturais, religiosas e não só, a escrita não carrega essas características. Em um determinado momento, a língua e sua manifestação oral são as únicas maneiras eficazes de reconstruir a história precisa de povos, especialmente quando documentos escritos são escassos (GNANGUENON, 2014). Isso não implica que os povos africanos não tenham tido sistemas de escrita; pelo contrário, embora sua importância sociocultural possa ter sido menor em comparação com outras sociedades, a escrita desempenhou um papel marginal de acordo com as preocupações predominantes da época.

Na África, a escrita tinha várias motivações desde suas origens nas civilizações antigas. Geralmente, ela era utilizada para expressar ideias, filosofias e tradições, muitas vezes revestidas de significados sagrados e religiosos, além de ser empregada na preservação histórica (DIAGNE, 1999). A língua carrega uma força importante que estabelece o equilíbrio entre a vida e a morte, por isso a fala para os africanos não é vista como um simples mecanismo de articulação, mas sim como algo que proporciona uma organização social e que traz a vivência na comunidade. Falar possui primeiramente uma natureza espiritual e religiosa, portanto as religiões africanas fundamentam-se na oralidade. É pela mesma razão que, até hoje, não é comum encontrar orações, cânticos ou rituais das religiões africanas em livros (AGUESSY, 1977, Apud ZOSSOU, 2021). Embora tenham se implementado muitos instrumentos que proibissem a utilização das línguas africanas, como forma de um linguicídio, através de muitos aspectos mencionados acima, nota-se a resistência das línguas diante das línguas impostas. A língua é, historicamente, um dos elementos importantes dos grupos etnolinguísticos d'África, pois ao contrário de toda política linguística do colonizador que refletia a inferiorização, subordinação e desvalorização cultural e linguística, quando os africanos se conquistavam entre grupos as línguas dos conquistados não eram suprimidos, ou seja, quando um rei conquistava outra aldeia que utilizava um sistema de comunicação diferente, ele não forçava o grupo conquistado a adotar seu idioma (ZOSSOU, 2021).

Enquanto a língua vai ser somente um sistema de comunicação imaginário ou produto criado pela colonialidade com forma de existir o divisor entre o colonizador e o colonizado (DAVID, 2023), ela é a vida das próprias populações e ao matá-la também se elimina um corpo.

## FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Era comum para os meus pais nos ensinarem sobre minha origem, na qualidade de ser filho mais-velho "Mbuta mbuta". A minha mãe, Mãe Makumbo, sempre tem dito que "nós somos do N'zenza Tenda<sup>3</sup> e o teu pai é do Kikumba, nesse caso tu pertences à linhagem N'zenza Tenda". "Eu, tua mãe, sou do N'zenza, por isso que tua linhagem é minha, é assim que os filhos pertencem à mãe". Conheci, literalmente, todos meus antepassados por intermédio dos testemunhos orais passados pelos meus pais. "Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem" (BÂ, 2013, p. 19). Toda cultura oral é percebida como sendo palavras contadas às gerações novas, isto é, relatos feitos em formas de conto para detalhar as histórias do passado e presente de uma família (VANSINA, 1985). Assim, é por intermédio dessas declarações orais que vão narrando as histórias de vários antepassados que pertencem à tua árvore genealógica.

Em África os detentores da palavra ou conhecedor da cultura são os mais-velhos conhecidos como sendo tradicionalistas, estes é que têm a responsabilidade de preservar a história do povo. Contendo uma enorme capacidade em saberes evidenciados a partir das suas falas com os mais jovens e norteada de veracidade. Diante disso "éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem" (BÂ, 2013, p. 13). Em África, a tradição oral é usada como meio para manter relações entre pessoas e serve de método para comunicação, visando transmissão de costumes, saberes e relatos de vida (KIZERBO, 1999).

Toda sociedade que se vangloria pelos testemunhos orais que possui tem mesmo valor que a sua identidade cultural, merecendo ser protegida e respeitada. Isso não significa que a oralidade seja menos relevante que a escrita (FILHO e ALVES, 2017). Além disso, a escrita é produto da oralidade. Do mesmo jeito que a escrita incrementou mudança na fala, no mesmo aspecto, a tradição oral desempenha um papel preponderante na questão humana.

A oralidade pertencente à matriz cultural africana transcende a própria escrita e mostra o poder das palavras, que as narrativas

---

<sup>3</sup> N'zenza Tenda e Kikumba é subgrupo cultural pertencente ao povo Bakongo, localizado na Província do Uíge, no município dos Bwengas/Angola.

contêm. As histórias são contadas, ligadas à memória, buscando a perpetuação das mesmas, para que não se percam (GONÇALVES, 2012, p. 14).

O modo com que os indivíduos sentem e pulsão seus valores culturais na íntegra, apego nas crenças, costumes, atitudes, fazem parte de um todo para a existência de um grupo numa determinada classe social (OJO ADE, 1995). Nosso entender é com a oralidade que nos permite conversar com o passado, presente e prever o futuro, ouvir principalmente o outro por intermédio de histórias individuais e coletivas (FONSECA, 2006). Desse modo, as famílias são orientadas por estas memórias, partindo de que é possível prever um comportamento de um indivíduo a partir dos exemplos de seus ancestrais que, provavelmente enquanto em vida, tiveram mesma atitude.

Trazemos um exemplo bem patente das famílias N'zenza e Kikumba: Quando era mais novo, minha mãe Makumbo sempre descrevia que nós, seus filhos, herdamos comportamentos de um familiar nosso, nesse caso trisavô. Devido à rapidez de fazer as coisas do meu irmão mais novo, ela sempre dizia que o seu bisavô foi assim. E outra coisa que permite trazer essas energias é quanto tu nomeias um antepassado que foi alguém muito rigoroso ou mau, a maior possibilidade do nomeado ganhar essa característica. Assim, os relatos dessas histórias servem para prevenir possivelmente os mais velhos de não cometer alguns erros ou então constitui de alguma forma elemento identitário e histórico do seu povo.

Por conseguinte, os ritos de iniciação são de forma alguma elementos a ser ter em conta, devido à sua característica de pertencimento, compreendendo-se como marcador de identidade de um determinado povo. Nesse sentido, em África, os ritos são escolas onde os jovens são preparados para a vida adulta e esta preparação é feita por um tradicionalista, mais-velho conhecedor da sua cultura. Por exemplo, a circuncisão para o povo do N'zenza Tenda se faz desde muito cedo, quando ainda criança tem um ou duas semanas. Todo ensinamento como cuidar do irmão mais-novo é passado oralmente. Outro lado, tudo isso é feito em língua nacional, visto que é um dos maiores marcadores culturais e de identidade em África. "Tudo aquilo que é semeado pela aprendizagem, desde os nossos gestos, a fala, os hábitos, a medicina que usamos os modos de entender a morte, tudo isto é a cultura que nos proporciona" (GONÇALVES, 2012, p.15-16).

## RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO

A natureza da narrativa oral é imbuída de muita habilidade de conversação entre os sujeitos do mesmo grupo cultural, transformando-se em mecanismo verdadeiro de identidade (THOMPSON, 1998). Além disso, na atualidade a fonte oral tem ganhando seu devido lugar no que concerne a

reestruturação das memórias e de ser cada povo a contar a sua própria história, sem interferência de viés coloniais que durante muito tempo reduziram-na. Nesse sentido, essa nova geração de intelectuais africanos tem estado preocupada em trazer as tradições orais dentro dos universos estudantis universitários. São essas narrativas dos mais-velhos que necessitam estar cada vez mais presentes em todos os espaços da vida social africana (BÂ, 1982), mesmo que existam algumas sociedades africanas que não foram corrompidas pela interferência colonial (GONÇALVES, 2012).

Nessa perspectiva, Ki-zerbo (2010) aponta que a circunstância em que África foi colocada, diminuindo em lugar pequeno, quando encontramos registro extraordinário que dão uma rica investigação sobre o continente, até bastante profunda e de enorme diversidade, lhe garantindo nos anais da história como o local das primeiras civilizações. São esses lugares dado pela história oral que vai resistindo mantendo a profundidade das sociedades africanas.

É refletir sobre as visões africanas expressas através de práticas interconectadas, resultando na criação de um estilo único. (MBEMBE, 2001, p. 176).

Mudimbe (2013) analisa que essa compreensão que se tem sobre a África foi construída sobre olhar eurocêntrico, grosso modo dos registros de viagens dos navegadores que embarcaram pelo continente, projetando uma falsa ideia acerca de África; vezes representando em caricatura de lugares exótico, subdesenvolvido, existência de situações sociais e conflitos de ordem tribais. No mesmo contexto que se reduzissem África nessa dimensão, dentro surgiram bloco de resistência contra esses viés de introdução eurocêntrico.

Obenga (2010) defende que, em nenhum outro contexto do mundo se comparará do privilégio dado a oralidade em África, realçando que é parte essencial de qualquer historidor ter como principal fonte documental. Deste maneira, urge a necessidade de se repensar uma metodologia bem específica para analisar esse arquivos documentais partindo do princípio de que a tradição oral ganhe um campo epistemológico adequado reduzindo assim o discurso inflamado de perspectiva eurocêntrica, evitando um olhar exógeno sobre África. Dessa forma, se compreende a história oral como sendo:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p.52).

Na atualidade, os diálogos sobre oralidade tem criado um movimento robusto visando buscar sempre que for possível descrever a África com base a sua riqueza e raridade, de modo geral perpetuando a história de experiência e lembranças de grupos culturais que decidem partilhar suas memórias com o grupo que pertencem, permitindo cada vez mais a introdução das suas vivências em forma de fazer conhecer aos mais jovens. Nesse sentido, a oralidade africana parte de uma construção de narrativa, contos, memórias que expressam valores culturalmente de um povo (CORREIA, 2022; GONÇALVES, 2012; PADILHA, 2008), mantendo as tradições intactas e principalmente a sabedoria mais antiga enraizada. Mesmo com a chegada dos europeus à África, a tradição oral continua presente em grandes manifestações culturais, religiosas e espirituais originárias do continente africano que continuam sendo praticadas na época atual.

Com a presença dos europeus em África, apesar das intenções destes influenciarem negativamente para o seu apagamento, a tradição oral persistiu até a data atual. Porém, frequentemente é marcado por questões do âmbito culturais e acerca das espiritualidades vivenciada no c continente africano por diversos povos (CORREIA, 2022).

Na África, a noção de tradição oral (oralité) ganhou grande relevância, sendo um meio de afirmar o valor cultural africano. Para os pesquisadores contemporâneos, a tradição oral é a principal ferramenta para reconstruir a história e a cultura pré-colonial. A valorização da tradição oral varia entre as disciplinas. Na história e na literatura, é um campo reconhecido com diversas abordagens e análises. Já os antropólogos frequentemente questionam sua substância, considerando a tradição principalmente na função de fretamento definida por Malinowski, como um instrumento de legitimação do estado atual de uma sociedade e de suas instituições através do passado. No entanto, é um conceito problemático (BELCHER, 2019, p.2).

Como sabemos, devido a posição de estar adianteira na questão de salvaguardar a sua História, particularmente advindo da oral, os europeus fizeram-se na contramão, investiram estratégia de manipulação e opressão na construção de uma historiografia planejado pelos seus olhares atribuição pensamento de incapacidade aos povos africanos, sobretudo por este terem a oralidade como mecanismo da reconstrução do seu passado e presente (MANFREDINI et al., 2018).

## CONCLUSÃO

Em conclusão, a tradição oral africana representa uma pedra angular na preservação da identidade, história e valores culturais dos povos do continente. A transmissão de histórias, mitos, lendas, músicas e provérbios de geração em geração não só mantém viva a memória coletiva, mas também serve como um

meio de educação e socialização. Essa prática milenar permite que conhecimentos vitais sobre governança, medicina, espiritualidade e relações sociais sejam passados adiante, garantindo a continuidade das culturas africanas.

Apesar dos esforços coloniais para suprimir essas práticas, a oralidade resistiu e continua a desempenhar um papel crucial na perpetuação do conhecimento ancestral. Os colonizadores muitas vezes desconsideraram a tradição oral, rotulando-a como inferior às formas escritas de registro. No entanto, essa perspectiva ignora a profundidade e a sofisticação da oralidade, que utiliza uma variedade de técnicas poéticas, mnemônicas e performativas para garantir a precisão e a integridade das narrativas ao longo do tempo.

As narrativas orais não apenas mantêm vivas as memórias e ensinamentos dos antepassados, mas também oferecem uma forma de resistência cultural, fortalecendo a coesão social e o senso de pertencimento entre as comunidades. Através das histórias contadas pelos griots e outros guardiões da memória, os povos africanos têm reafirmado suas identidades e resistido à erosão cultural imposta pela colonização e pela globalização. Este ato de resistência cultural é vital para a autoafirmação e para a reivindicação de uma história que muitas vezes foi distorcida ou apagada pelos colonizadores.

Reconhecer e valorizar a tradição oral é essencial para a reconstrução e valorização da história pré-colonial africana, proporcionando uma visão mais autêntica e rica da diversidade cultural do continente. Acadêmicos e historiadores contemporâneos têm cada vez mais reconhecido a importância das fontes orais para complementar e corrigir os registros escritos, oferecendo uma perspectiva mais equilibrada e inclusiva da história africana.

Assim, a oralidade não é apenas um meio de comunicação, mas um poderoso instrumento de empoderamento e identidade, que deve ser preservado e celebrado para as futuras gerações. Investir na documentação, estudo e promoção das tradições orais africanas é fundamental para garantir que as vozes dos antepassados continuem a ressoar no presente e no futuro. Só assim poderemos compreender plenamente a riqueza e a complexidade das culturas africanas e honrar a sabedoria e a resiliência dos povos que as preservaram através dos séculos.

## REFERÊNCIAS

AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In: B. OLA; A. HONORAT; D. PATHÉ; S. ALPHA (ed.) **Introdução à Cultura Africana**. Lisboa: Edições 70, 1977.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BELCHER, Stephen. Oral Traditions as Sources. In: SPEAR, Thomas. (ed.) **Oxford Research Encyclopedia of African History**. Oxford University Press, 2019.

BINJA, Elias Justino Bartolomeu. Tradição Oral em África: Valores, Movimento e Resistência. III **Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessária**, Centro Universitário da Américas/Faculdade de Mauá, Mauá, SP, 2020

COOPER, Frederick. **Colonialism in question: theory, knowledge, history**. Berkeley: University of California Press, 2005.

CORREIA, Nélsio Gomes. A relevância da tradição oral nas sociedades africanas contemporâneas. Njinga & Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras São Francisco do Conde (BA)** | vol.2, nº 2, p.304-321, 2022.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc,1999.

DAVID, Makosa Tomás, As línguas angolanas: resistência e a cosmovisão do poder angolano no mundo, **Mandinga** - Revista de Estudos Linguísticos, v. 7 n. 2, 2023.

DIAGNE, Pathé. 1999. "Histoire et linguistique". In: J. Ki-Zerbo (ed.), **Histoire générale de l'Afrique I: Méthodologie et préhistoire africaine**. Paris: Editions UNESCO.

FANON, F. **Pele Negra Mascara Branca**. Salvador: Edufba, 2008.

FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos; ALVES, Janaína Bastos. A Tradição oral para povos Africanos e Afrobrasileiros: Relevância da palavra. **Revista da ABPN** v. 9, Ed. Especial - Caderno Temático: Saberes Tradicionais, p.50-76, 2017.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão saberes e práticas de ensino de História. **Revista de História Oral**, volume 09 pg.125 a 141, janeiro-junho de 2016.

GNANGUENON, Cossi. **Analyse syntaxique et sémantique de la langue "fon" au Bénin en Afrique de l'Ouest**, pour la création d'un dictionnaire bilingue en langues fon et français: Approche onomastique: dérivation affixale de la nomenclature des rois du Danxome. Dictionnaire. Tese de Doutorado. Universidade de Cergy-Pontoise. 2014.

GONÇALVES, N. M. **Oralidade: um olhar sobre a cultura oral africana**. São Paulo, fevereiro de 2012.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO. **História Geral da África**. v. I - Metodologia e Pré-história, 1982.

\_\_\_\_\_. **Amkoullel, O menino fula**. 2ª. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2013.

IROKO, Félix. Prendre en compte les expériences traditionnelles africaines. In: BACHIR, S. Bachir (ed.) **La culture du développement**. Dakar: CODESRIA, 1991.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra – I**. São Paulo: Publicação Europa-América, 1999.

MAKONI. S.; PENNYCOOK, A. Disinventing and reconstituting languages. Clevedon, Multilingual Matters, 2007.

MANFREDINI, Giulia Aniceski; APOLINÁRIO, E. B. R; MARTINS, M. A. F; GRALAK, M. M; VILODRES, R. N. DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou (Org.). A Consciência Histórica Africana. Luanda: Edições Mulemba da Faculdade de Ciências sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 8, no 1, 2018.

MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**. Ano 23, n. 1, p. 172-209, 2001.

MILLER, Joseph C., “Presidential Address: History and Africa/Africa and History”. **The American Historical Review**, 104 (1), , pp. 1-32, February 1999.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Edições Pedagogo Ltda, , p. 9-251, 2013.

NASCIMENTO, Gabriel. A linguagem como zona do não-ser na vida de pessoas negras no sul global. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 60, e-53299, jan.-abr. 2023

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da História da África. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). **História geral da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. v. 1. p. 59-76.

\_\_\_\_\_. Source et technique spécifiques de l’histoire africaine. Aperçu Général. In: J. Ki-Zerbo (ed.) **Histoire générale de l’Afrique I: Méthodologie et préhistoire africaine**, 1999.

OJO-ADE, Femi. **Cultura africana: do velho e do novo, os anos 90**. Salvador, Afro-Asia, numero 16, 1995.

PADILHA, Laura C. **Entre voz e letra**. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Rio de Janeiro, Pallas, 2008.

PRAH, Kwesi. Kwaá. The intellectualisation of african languages for higher education. **Alternation**, 24(2): 215-225, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.

QUIJILA, A. C. JACOBÉ, M. Alembamento e o Lobolo: Ritos de Casamento Mbundu (Angola) e Ndau (Moçambique): Convergências e a Resistência Face à Mercantilização Capitalista e Religiosa Europeia. **Dossiê Histórias Africanas**, pensamentos/ou culturas Afrobrasileiras e Ética Ubuntu. 2024

SANTOS, Nicolas de Oliveira. **Nexo de internacionalização e racismo**: globalização, política linguística e linguagem. Ilhéus, BA: UESC, 2022.

SILVA, Juliana Pereira de Sousa. **Tadição oral africana**. Brasilidade Negra, 2021.

SOGBOSI, Hyppolyte Brice. **La tradición ewé-fon en Cuba**. Ciudad de La Habana: Fundación Fernando Ortiz. 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. **Oral Tradition as History**. Madison: James Currey Ltd., 1985.

ZOSSOU. Alban Aminou. O conceito africano de língua: representação, manifestação e importância social. Entendimento no grupo etnolinguístico **Fon**. **R@U**, 13 (2), jul./dez. 2021.